

## A PSICODINÂMICA DOS TEMPOS SOCIAIS E AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

## THE PSYCHODYNAMIC OF SOCIAL TIMES AND CULTURAL TRANSFORMATIONS IN CONTEMPORARY CITIES

*Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins \**

*Prof. Dr. Francisco Antônio Francileudo \*\**

*Profa. Ms. Fabiana Neiva Veloso Brasileiro \*\*\**

### **Resumo:**

Na atualidade, somos convocados a pensar sobre aspectos relacionados à psicodinâmica dos tempos sociais, da cultura, da política, da economia, do consumo, da espiritualidade e de questões simbólicas que se ligam à história de nossas tradições, como também, às questões que estão ligadas aos valores que constituem o estilo de vida de homens e mulheres contemporâneos. O presente estudo, teórico, qualitativo, faz uma reflexão hermenêutica sobre as possibilidades da cultura ou das culturas, do tempo social ou dos tempos sociais nas cidades contemporâneas. O nosso objetivo é dialogar sobre as transformações culturais e a relação com os tempos sociais, observando alguns aspectos da história. Dessa forma, apresentamos no estudo noções sobre a cultura e o tempo social e destacamos importantes mudanças valorativas ao longo da história, observando, de modo especial, que a cidade é uma permanente energia repleta de significados que sempre dizem alguma coisa a alguém, um feixe de códigos variados e subcódigos, contextos diversos, uma pluralidade de signos adormecidos ou não à espera de um fluído.

### **Palavras-chave:**

Tempo Social. Cultura. Cidade. Contemporaneidade.

### **Abstract:**

Currently, we are called to think about the psychodynamic aspects of social time, culture, politics, economics, consumption, spirituality and symbolic issues that bind the story of our traditions, but also the issues that are values which are linked to the lifestyle of contemporary men and women. The present study, theoretical, qualitative, makes a hermeneutical reflection on the possibilities of culture or

cultures, social time or social time in contemporary cities. Our goal is to talk about the cultural transformations and the relationship with the social times, noting some aspects of the story. Thus, the present study notions about culture and social time and highlight important evaluative changes throughout history, noting, in particular, that the city is full of energy a permanent meanings that always say something to someone, a beam various codes and subcodes, different contexts, a plurality of signs asleep or not waiting for a fluidor.

**Keywords:**

Social Time. Culture. City. Contemporaneity.

## **Introdução**

Assistimos nas últimas décadas a um crescente interesse pelas questões relacionadas com a cultura, seja no âmbito político ou na vida cotidiana. Isto não significa, necessariamente, tomar a cultura como uma instância epistemologicamente superior às demais instâncias sociais – como a política, a econômica, a educacional, a religiosa.

Para Hall (1997), assistimos hoje a uma verdadeira virada cultural, que pode ser resumida como o entendimento de que a cultura é central, não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos.

Neste texto, trazemos algumas contribuições para o diálogo com as questões ligadas à cultura nas cidades, de modo especial quando apresentamos questões relacionadas ao tempo social. Sobretudo, procuramos compreender a proveniência e a emergência do conceito contemporâneo de cultura, bem como expressar alguns comentários sobre os deslocamentos atuais deste conceito, dos quais resultou uma proliferação de práticas que paulatinamente foram se tornando culturas.

Neste estudo interpretativo, observamos, nas produções recentes, que as transformações socioculturais de cada época da história exprimem noções diferenciadas sobre a cultura e o tempo social. É importante observar que tais mudanças são diferentes em sociedades diferentes. Basta fazer breve retrospectiva nos escritos produzidos na História e percebemos que, no feudalismo, durante a Idade Média, o tempo era regido pelos eventos da natureza. Desta forma, os homens e as mulheres começavam seu dia quando o sol raiava, permitindo que a luz oferecesse aos sujeitos condições de enxergar, e terminava suas atividades diárias com o pôr do sol, pois, havia menos luz e a escuridão não favorecia

determinadas atividades. Nessa época, lembremos, era comum a utilização de lamparinas e velas que possuem um efeito luminoso muito inferior à luz elétrica.

O que podemos constatar ao fazer esta reflexão, com suporte em estudos realizados por antropólogos, sociólogos, psicólogos e filósofos, é que a cultura designa o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor – fosse em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos, literários etc. Em outras palavras, em épocas que mudam - e a mudança já faz parte da cultura da cidade - a cultura que cada comunidade, grupo ou sociedade introduz é a contribuição para a humanidade, em termos de maneiras de estar no mundo, de produzir e apreciar obras de arte e literatura, de pensar e organizar sistemas religiosos e filosóficos (NETO,2003).

Mais recentemente, com origem na Modernidade e Contemporaneidade, os estudos mostram que é mais eficiente falarmos no momento atual de culturas em vez de cultura; de tempos sociais em vez de tempo social. Em qualquer caso, esse deslocamento de compreensão e experiência de cultura e tempo social está intensamente conectado ao contexto de crise por que passa a sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 1990, 2001). Esse deslocamento, manifesto numa dimensão teórica e intelectual, também é perceptível no cotidiano da metrópole. Muito mais do que isso, tal deslocamento é inseparável de uma dimensão política em que atuam forças poderosas em busca da imposição de significados e de dominação material e simbólica da cultura e do tempo (COSTA, 2000).

## **Metodologia**

Este ensaio elegeu a abordagem hermenêutica como um método para a feitura da reflexão crítica sobre a cultura na cidade e tempos sociais na contemporaneidade, pelo fato de esta metodologia estar ligada à interpretação de textos.

Nessa perspectiva metodológica, o hermeneuta é que interpreta e dá sentido ao texto desde o contexto histórico que ocorre, buscando investigar o mundo pessoal das experiências e não um objeto independente do sujeito.

Para Gadamer (2005) e Heidegger (2002), a Hermenêutica exerce função importante nos estudos qualitativos de cunho interpretativo, pois ajuda na recuperação do sentido dos fatos ocorridos, levando em

consideração o contexto histórico em que acontece. Ensina Gadamer (2005) contudo, que toda a interpretação correta não pode ser arbitrária e imbuída de intuições repentinas e estreiteza de pensamento, esta deve se voltar para uma reflexão crítica.

A Hermenêutica deve levar em conta o aspecto construtivista da história, não podendo, quando interpreta um texto, ficar limitada à intenção do autor, mas considerar, sobretudo, a influência que o texto opera no decurso da história.

Explicitando melhor, Heidegger (2002) considera que o hermeneuta é que recupera o sentido da coisa, ou seja, o sujeito interpretativo não pode se eximir de sua história, pois esta é a condição da busca da verdade. “A interpretação de algo como algo se funda, essencialmente, numa posição prévia, visão prévia e concepção prévia. A interpretação nunca é a apreensão de um dado preliminar isenta de pressuposições” (HEIDEGGER, 2002, p. 207).

Em suma, a Hermenêutica busca fazer a relação da parte com o todo e deixa que o texto fale ao pesquisador, para que este compreenda o fenômeno pelo contexto histórico no qual ocorre e estabeleça um novo horizonte no presente, ou seja, dê um novo sentido, outra forma à experiência no contexto atual.

## **Cultura na cidade**

A vida social, a cultura das cidades grandes ou metrópoles do Brasil, com todas as suas dimensões que envolvem uma imensidade de questões, exigem estudos multidisciplinares para que possamos mapear aspectos relacionados ao econômico, social, cultural, tecnológico, religioso e ao espiritual. Essas estruturas englobam o sistema capital que visa a maior lucratividade. Com isso, uma mesma cidade exprime uma diversidade de estruturas e experiências econômicas e culturais.

Essa estrutura afeta a formação e a manutenção de identidades pessoais, de grupos e etnias. A tentativa, neste estudo, é compreender a dinâmica dos tempos sociais e culturais que pulsa na vida das grandes metrópoles. Todos esses fatores concorrem para a formação de uma cultura da urbanização, permeada pela segurança privada, as invasões, a sobrevivência baseada na economia, na troca de favores, na corrupção, na ignorância, no misticismo e em manifestações culturais que saltam diretamente da cultura de raiz para a cultura televisiva e importada (MIRANDA, 2000).

Então, o que é cultura? Como podemos defini-la? Encontramos em diferentes pesquisadores (WEYRAUCH, 2007; TASCHNER, 2000; SILVA, 2008; NETO, 2003; MORA, 2001; MIRANDA, 2000) a ideia de cultura como práticas e ações sociais que seguem um determinado padrão de comportamento no espaço. A ideia de cultura tem relação com crenças, instituições, comportamentos, valores e regras morais, que permeiam e identificam uma sociedade, um grupo ou comunidade. Também é práxis vincular cultura a aspectos da vida social relacionados com a produção de saber, artes, costumes, folclore; valores que foram perpetuados e transmitidos por intermédio das gerações.

A ideia ou o conceito de cultura, tal como é concebido na sociedade contemporânea, traz a seguinte noção: “a ideia de ‘cultura’ como um cultivo de capacidades humanas e como resultado do exercício dessas capacidades segundo certas normas” (MORA, 2000, p. 626).

Num sentido mais amplo, usamos a palavra cultura como sinônimo de sofisticação, sabedoria, educação. Cultura aqui é equivalente a volume de leituras, a controle de informações, a títulos universitários, e chega até mesmo a ser confundido com inteligência, como se a habilidade para realizar certas operações mentais e lógicas fosse algo a ser medido ou arbitrado pelo número de livros que uma pessoa foi capaz de ler, as línguas que pode falar, ou os quadros e pintores que sabe, de memória, enumerar.

Costumamos, também, ouvir referências à cultura quando as pessoas fazem menção à raça, etnias cujos valores seguem tradições diferentes e desconhecidas, como a dos índios, negros, quilombolas etc.

Depois dessa prévia apresentação das definições de cultura, passamos à perspectiva da Antropologia social, que se utiliza da palavra “cultura”, como um conceito-chave para a interpretação da vida social. Porque no entendimento de Matta (1981), “cultura” não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de “civilização” mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. A Sociologia exprime a cultura como um mapa por meio do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas (MATTA, 1981).

No âmbito sociocultural, o que observamos nas cidades grandes ou metrópoles são grupos que compartilham de parcelas importantes destas culturas com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformando-se num grupo, e podem viver juntos, sentindo-se parte de

uma mesma totalidade. Podem, assim, desenvolver relações entre si, porque a cultura lhes forneceu normas que dizem respeito aos modos, “ditos” apropriados de comportamento diante de certas situações (SILVA, 2008).

Por outro lado, é indispensável considerar que a cultura não é um código que se escolhe simplesmente. É algo que está dentro e fora de cada um de nós. Quer dizer, as regras que formam a cultura permitem às pessoas se relacionarem entre si, com o próprio grupo e com o ambiente onde vivem.

A verdade é que todas as formas culturais ou todas as subculturas de uma sociedade são equivalentes e, em geral, aprofundam algum aspecto importante que não pode ser esgotado completamente por uma outra subcultura. Quer dizer, existem gêneros de cultura equivalentes a diversificados modos de sentir, celebrar, pensar e atuar sobre o mundo, e esses gêneros podem estar associados a certos segmentos sociais. O problema é que sempre, ao nos aproximar de alguma forma de comportamento ou de pensamento diferente, tendemos a classificar a diferença hierarquicamente, tornando-se uma forma de excluí-la. Cada cultura ou subcultura em uma sociedade é um modo de demonstrar o modo de vida daqueles sujeitos.

No sentido antropológico, portanto, a cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Ela indica maneiras gerais e exemplos de como pessoas que viveram antes de nós estabeleciam relações, viviam suas tradições, celebravam seus cultos, etc. Isto porque embora cada cultura contenha um conjunto finito de regras, suas possibilidades de atualização, expressão e reação, em situações concretas, são infinitas (COELHO, 2008).

Portanto, a cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre os seres humanos, as cidades e as sociedades. Elas não são dadas, de uma vez por todas, por um meio geográfico ou uma raça, mas em diferentes configurações ou relações que cada sociedade estabelece no decorrer de sua história. A cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, reaver a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos.

Num mundo como este, marcado pela comunicação em escala planetária, é importante uma atitude aberta para as formas e configurações sociais que, como revela o conceito de cultura, estão dentro e fora de nós. Esse exercício antropológico de descobrir que, paradoxalmente, um modo

de agir cultural deve ser visto, pensado e talvez substituído por uma fórmula de produção de valores que desperte em nós novas potencialidades humanizadoras e novos critérios para aprender a lidar com as atuais perspectivas de tempo social.

## Tempo social

Seguindo o pensamento de Ost (2005) o tempo é compreendido como uma instituição social, ou seja, o poder do tempo está presente na elaboração social, sedimentando concepções, valores e culturas que buscam mecanismos capazes de unir os grupos sociais para que caminhem em um só passo.

Então, o que é o tempo? Por que o tempo passou a ocupar o papel protagonista nas relações humanas na contemporaneidade? O que o tempo representa no cotidiano das grandes cidades? Por quais maneiras esses sujeitos estabelecem as prioridades, no conjunto das atribuições cotidianas, em relação ao tempo de que dispõem? Sobre o TEMPO existem vários conceitos históricos e apreensões peculiares, de acordo com variados pensadores em cada época de nossa história (MORA, 2001).

Tomemos como exemplo o que disse Santo Agostinho (354 a 430), que já trazia consigo a dificuldade em designar a representação social do tempo. Não obstante, o tempo ainda é um problema filosófico de grande interesse dos pesquisadores. O que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se eu quiser explicar a quem me fizer à pergunta, já não sei.

Deleuze (1997), fazendo referência ao tempo, acentua que *chronos* é o presente que existe e que faz do passado e do futuro suas duas dimensões sempre dirigidas, tais que se vai do passado ao futuro, mas “à medida que os presentes se sucedem nos mundos ou nos sistemas parciais. Aiôn é o passado-futuro em uma subdivisão infinita do momento abstrato, que não cessa de decompor-se nos dois sentidos de uma só vez, esquivando para sempre todo presente”. (P. 95).

O tempo, portanto, passa a ser conceituado de acordo com cada circunstância em que é empregado, seja com finalidade de nos auxiliar quanto à duração de vida dos seres, como também apontar os estados climáticos de várias regiões do globo ou até mesmo a sinalização de um determinado período.

Dessa forma, o fator tempo passa por metamorfoses significativas, iniciadas no momento em que o ser humano resolve medir o tempo cotidiano e quantificar o tempo social na sociedade industrial, chegando

à comercialização do próprio tempo, que se torna uma mercadoria e passa a ter valor econômico (AQUINO; MARTINS, 2007).

O que é o tempo social? Harvey (1989), fazendo referência à obra de Boaventura de Souza Santos sobre a Globalização e as Ciências Sociais, expressa as consequências desse novo tempo na sociedade contemporânea, o qual revela que “uma das transformações mais frequentemente associadas aos processos de globalização é a compressão tempo-espaço, ou seja, o processo social pelo qual os fenômenos se aceleram e se difundem pelo globo” (P. 89).

Zarifian (2002), reportando-se a Elias, considera que o relógio é um símbolo social que adquiriu um lugar inédito nas sociedades modernas e contemporâneas, nas quais se exerce uma enorme autodisciplina do tempo. O tempo é uma realidade percebida pelas pessoas diferentemente, ou seja, a forma com a qual o homem experimenta o tempo também pode ser visivelmente influenciada pela maneira com que a vida é compreendida. Então, o tempo social é:

- uma designação sucinta para o conceito de representação social do tempo;

- é uma categoria de pensamento e, como tal, resulta de uma elaboração simbólica solidária com o sentido e os recortes gerais de cada cultura; e

- é uma forma de ajustamento social e da necessidade de produção – reprodução do capital: tal modo de produção busca por todos os meios sua acumulação, concentração e revalorização, ou seja, sua reprodução, ocorrente por meio de mais - valia extraída da força de trabalho (BIROU, 1978).

O tempo social está intrinsecamente ligado às modificações que ocorrem nas sociedades, seja no âmbito das relações políticas, das relações econômicas, culturais ou ações outras que marcam a história de vida das pessoas. Tais mudanças suscitadas na sociedade demonstram como os seres humanos organizam suas vidas de acordo com a captação do tempo de cada época social.

Na Modernidade, com o ingresso da luz elétrica na sociedade, o tempo se estende por mais horas de trabalho, uma vez que as pessoas passam a ter maiores recursos e condições para continuar as atividades ou iniciar outras no período noturno. Essa nova condição de trabalho vai ganhando espaço com apoio nas inovações tecnológicas, no fenômeno da globalização e nas exigências incididas desse processo que permeiam o mundo do trabalho.

Ao que nos parece, estamos tão impregnados da lógica da produção própria ao capital que, de fato, só nos restaria reduzir a experiência humana às práticas administrativas: organização do tempo, definição de metas e objetivos, busca pelos resultados de eficiência e eficácia. Com efeito, aspiramos à compreensão sobre as maneiras e as determinações presentes na organização da vida profissional e as decorrências para os demais âmbitos da vida pessoal, tentando estabelecer as possíveis relações com a “lógica do capital”.

Nessa perspectiva, percebemos uma tendência de que a vida social seja conduzida de acordo com o tempo cronológico na sociedade contemporânea. Vivemos numa “corrida incessante” contra o tempo e sem que ao menos paremos para refletir sobre as implicações “desse novo modo de viver” na sociedade capitalista industrial.

Certamente, muitos já escutaram que o tempo está passando cada vez mais rápido ou que o dia não rendeu nada, porém o dia continua com as suas 24 horas de sempre e o que muda são as exigências do sistema capitalista, no qual o tempo real é o agora, havendo sempre a sensação de estarmos atrasados no “relógio social” do capitalismo.

Logo, deparamos no cotidiano a evidência de que o tempo se tornou cada vez mais escasso. O desafio é o “fardo do tempo histórico”, lógica que compreende o livre controle humano do tempo disponível minimizado sob a contabilidade do tempo do sistema do capital, “que procura reduzir a vida a um conjunto de infindáveis decisões instantâneas voltadas à ampliação da produtividade e dos lucros em benefício da rede de interesses estabelecidos” (MÉSZÁROS, 2007, p.16).

Alguns pensadores classificam essa mudança através da passagem do sistema feudal para o sistema capitalista, em que surgem os donos do capital, como dinheiro, imóveis, instrumentos de trabalho e a matéria-prima. Dessa forma requisitam a força de trabalho daqueles que não detêm tais meios, iniciando, assim, o processo de produção e reprodução do capitalismo. Este “relógio social” consiste no tempo determinado pelo ciclo do capital, quer dizer, produção, circulação e consumo. Todos estes “momentos” da produção capitalista devem ser agilizados, no sentido de garantir não apenas a produção, mas também o movimento incessante de valorização do capital.

O tempo da produção deve ser mais rápido, quer dizer, eficaz; o tempo da circulação tem de ser encurtado, ou seja, há de se ter o acesso imediato à aquisição. O consumo deve ser instantâneo, a satisfação

atingida e finalizada no consumo imediato, sucedendo-lhe nova busca por aquisição. O tempo social determinado pelo capital faz com que o controle das práticas temporais, espaciais e dos meios de produção aloque e realoque o tempo de vida dos trabalhadores ou o tempo social, redefinido pelas necessidades reprodutivas ampliadas do capital, seja tempo de trabalho, 'tempo livre' ou tempo de envelhecer (MELUCCI, 1996).

Consideramos relevante, ao trazer esta discussão do tempo vivido, o fato de que na sociedade de hoje ele recebe nova aparência, ultrapassando sua função primária de contabilizar as frações do dia e passando a ser um controlador de vidas, o que nos faz não só escravos do relógio, mas também cativos do relógio voltado à produção de bens para a troca.

Apontamos aqui para uma reflexão acerca do cotidiano da vida social, tão oprimido por este sistema de acumulação produtivo que se expande. O padrão flexível de organização da produção modifica as condições sociais e as técnicas de organização do trabalho e do trabalhador. Sabemos, conforme a teoria marxista, que, sob o capitalismo, vivemos o império do valor de troca e não do valor de uso, quer dizer, não se trata mais propriamente de produzir bens para a vida humana, mas de produzir necessidades que exijam o consumo de bens. Assim, o bem produzido não tem como determinação seu valor de uso, mas seu valor para a troca (OLIVEIRA, 1990).

O trabalhador é levado a ajustar-se às novas exigências de produção de mercadoria e excedente. Em última instância, o que comanda a flexibilização do trabalho e do trabalhador é um novo padrão de racionalidade do processo de reprodução ampliada do capital, lançado em escala global (IANNI, 1996, p.21).

Portanto, na reflexão de Ianni (1996), conferimos que a nova configuração do modelo produtivo da sociedade contemporânea trouxe mudanças no que tange à vida dos trabalhadores, à vida cultural e à relação com o tempo social, requisitando destes uma disciplina e uma inclinação voltadas ao trabalho, haja vista as cobranças de especializações que privilegiem vários arranjos na estrutura social. O trabalhador, nesta concepção, tem que atender todas as lacunas do mundo do trabalho, buscando sempre a superação de suas funções pré-estabelecidas. Assim, o sistema e sua conjuntura conferem aos seres humanos contemporâneos um estilo de vida marcado pelo apressamento dos tempos sociais e pela normatividade de culturas diferentes que penetram o cotidiano de

homens e de mulheres que habitam, de modo particular, nas grandes cidades de nosso país.

## **A psicodinâmica dos tempos sociais e as transformações culturais na contemporaneidade**

Para estabelecer o diálogo entre tempos sociais e culturas nas cidades contemporâneas, partimos da compreensão da Antropologia filosófica<sup>1</sup>, ao assinalar a ideia de que tudo em nós expressa alguma coisa - palavras, gestos, sentimentos, sonhos, construções, nossa dor e morte, esperanças e frustrações, enfim, tudo pode ser expressão de alguma coisa, da nossa cultura (VAZ, 2006). A materialização desse processo de construção nas cidades concretiza-se por meio das estruturas arquitetônicas de ruas, praças e avenidas e, ao mesmo tempo, revela a técnica e/ou cultura de uma comunidade em determinado tempo-espaço.

A essa compreensão antropológica de que o ser humano só é como ser de cultura nos estimula a fazer algumas perguntas: então, o que é a cultura nas cidades? Quais os impactos dos tempos sociais para a vida do ser humano contemporâneo? Com esses questionamentos, passamos a demonstrar a concepção de cidade, cultura e tempos sociais.

A cidade é uma construção, uma “obra” do trabalho humano, um arranjo de signos<sup>2</sup>, que provoca no receptor uma constante fruição. Ela é uma permanente energia repleta de significados que sempre diz alguma coisa a alguém, um feixe de códigos variados e subcódigos, contextos diversos, uma pluralidade de signos adormecidos ou não à espera de um fruidor.

A cidade nos oferece um imenso conjunto de códigos “engessados”, à espera da decodificação. Dialogar com ela significa fruir até a exaustão de tudo aquilo que ela é. No primeiro momento, ir desatando os nós, estabelecendo com ela relações, para que ela vá soltando aos poucos o que retém. Cada pedaço urbano construído é a concretização de uma soma de técnicas de trabalho, da arte do fazer e do esforço de uma pessoa ou de uma sociedade (CARLOS, 2004).

A cidade é ao mesmo tempo nossa “interlocutora”, pois com ela dialogamos. Contemplar a cidade significa entrar em diálogo com seu

---

<sup>1</sup> No sentido estrito da palavra designa um movimento reflexivo sobre a realidade humana.

<sup>2</sup> Um signo é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. (PEIRCE, 1972).

“depósito” de possibilidades dialógicas. Ela é um convite permanente para o falar, o conviver, o consumir e imbuir-se nos seus mistérios, por meio de sua linguagem; entrar pelas ruas da cidade e penetrar as raízes de sua estrutura econômica, social, política, cultural, tecnológica e espiritual (LIBANIO, 2001).

No âmbito da cidade contemporânea percebemos as inúmeras culturas presentes e as que vão surgindo com seus valores e especificidades. No contexto tecnológico da vida urbana, torna-se fundamental destacar o fato de que a globalização é o fenômeno que torna a temporalidade da vida contemporânea cada vez mais efêmera, pelo fato de que vão sendo criadas novas formas de urbanismo, novas tendências de cidade, novas noções de lugar, de cultura, de memória e de identidade.

Como esse espaço é atrativo, o ser humano vai atribuindo significados especiais e desenvolvendo laços afetivos. Assim, o espaço urbano é cada vez mais o *locus* da cultura, o lugar onde florescem, desabrocham e fermentam as ideias contemporâneas, os valores da atualidade, a inovação e a criação, porque a cidade congrega, une e reúne, influencia, multiplica, combina e potencializa as várias sensibilidades e talentos.

A cultura como produção da alma humana, no meio urbano, nas metrópoles de Brasil em desenvolvimento, tenderá a produzir uma sensibilidade e necessidade de uma política de lazer e de cultura, para dar significação ao espaço urbano da vida cotidiana de seus habitantes, aumentando as dimensões existenciais de suas relações com a cidade transpondo a vida de trabalho e subsistência (LIBANIO, 2001).

É importante acentuar a ideia que a base destas configurações é sempre um repertório comum de potencialidades. Algumas sociedades desenvolveram essas potencialidades mais e melhor do que outras, mas isso não significa que elas sejam mais retrógradas ou mais adiantadas. O que isso parece indicar é, antes de qualquer coisa, o enorme potencial que cada cultura encerra como elemento motivacional dos seus membros, bem como os desafios externos existentes nelas.

As culturas são o testemunho da finitude da pessoa humana, a expressão de uma liberdade à busca de uma configuração para ser. [...] As culturas têm na liberdade seu fundamento; por outro lado, constituem o próprio ser da liberdade que só é por meio da transformação do existente

num mundo configurado pelas ações dos homens na contingência de situações históricas diferenciadas (OLIVEIRA, 2000, p. 122).

O homem, como ser no mundo, que se liga às culturas, já nasce dentro de um complexo de normas, instituições e costumes, que são expressão de ações de gerações anteriores, com seu mundo de objetos portadores de significados humanos.

Então, as culturas nas cidades podem ser pensadas com base nas atividades simbólicas de cada sujeito, bem como do conjunto dessas, é que temos a representação cultural, pois saímos do universo, simplesmente, natural e passamos ao universo simbólico do qual se constituem, pela linguagem, o mito, a arte e a religião.

A linguagem no âmbito da Hermenêutica de feição cultural nos leva a crer que o ser humano, enquanto dá sinais de si mesmo e situa tudo no espaço do sentido, num contexto de significação, ele é e interpreta o seu ser, o que se exprime na linguagem. Pela linguagem, o ser humano faz-se ser significante. Quem fala não só transcende o mundo objetivo, como também atinge o intersubjetivo e em si mesmo chega a sua subjetividade. A linguagem é o espaço do desvelamento, da crítica do sentido do mundo do homem e do todo. “A linguagem é condição de possibilidade da ação histórica do homem precisamente enquanto espaço de desvelamento do sentido, que se gesta nas interações simbólicas mediadas pelos sujeitos” (OLIVEIRA, 2000, p. 127).

Nas sociedades tradicionais, o conhecimento de toda ação humana no mundo envolvia certezas inabaláveis. O ser humano entendia a si mesmo desde a referência ao seu grupo humano. “A pessoa individual aparece como uma espécie de cópia dos padrões comuns de interpretação da vida e da ação” (OLIVEIRA, 2000, p. 129).

Na modernidade, o ser humano experimenta a si mesmo como sujeito fonte de autonomia, de sentido e ação. É a pessoa que tem sua inteligibilidade e legitima a si mesma sem a necessidade da referência ao grupo. O ser humano é elevado aqui à função de referência primeira e última.

Na Contemporaneidade, os seres humanos percebem que as relações mais e mais se tornam fluidas, contraditórias e instáveis. Isso abala os fundamentos de sua identidade, propiciando a dificuldade de estabelecer relações duráveis, tornando-se vítima fácil de orientações que lhe vêm de fora, mesmo tendo a pretensão de autodeterminação soberana (BAUMAN, 1998).

eticamente, a vida humana se torna pluralista pela inexistência de uma ética comum, desembocando num ceticismo e no relativismo. Com isso, a religião deixa de ser a fonte exclusiva de saber, cultura e tradição. Vivemos agora numa concorrência entre os diferentes sentidos em que se fragmentou a visão unitária do mundo (OLIVEIRA, 1995).

Portanto, na perspectiva da cidade contemporânea: o sujeito é responsável pela sua vida, conseqüentemente, a realidade social é uma produção histórica que pode ser transformada; nesse contexto de autonomia, o direito e a diferença vão emergindo e uma nova atitude no concernente às relações humanas, a urgência do diálogo com as tradições culturais, sejam elas míticas, artísticas ou religiosas, vão surgindo.

Em síntese, o modo de vida no qual estamos inseridos, representando épocas de conquistas nas Ciências, na Filosofia e nas Artes se converteu em irradiadores de transformações, políticas, sociais, econômicas e espirituais.

Hoje, as metrópoles são cidades mundiais e sintetizam seus países e sua cultura. Em sua estrutura, localizam-se a Arte, a Filosofia e a Ciência; os costumes, as tradições e a memória; os sistemas políticos e o Direito; a Administração financeira e a Gestão dos negócios. Tudo isso, desemboca numa nova estrutura que marca os novos tempos sociais contemporâneos, da substituição da indústria pesada pela indústria da informática e pelos serviços. Algumas ações são adequadas, coerentes e até necessárias para o impulso rumo a uma nova cultura metropolitana. Essa nova cultura expressa mudanças de hábitos que interferem na relação do sujeito consigo mesmo e com os outros, no trabalho, na religião e na espiritualidade.

Essa nova ordem na vida do ser humano que habita nas cidades está perpassada pelo encontro com o diferente nas diferenças e por um estilo de vida que influencia a vida social e subjetiva. Assim, os tempos sociais nas cidades contemporâneas são marcados pelos seguintes impactos para a vida humana:

- os desenvolvimentos econômicos e urbanos das cidades e a dinâmica de fluxo produzem relações humanas efêmeras;
- o deslocamento constante pode ensejar ausência de referências, valores e sentido;
- o tempo de deslocamento habitação - trabalho é muito variado. É o tempo lento dos congestionamentos, em que o tempo de espera é maior do que o espaço percorrido;

- o tempo lento é o tempo dos homens que não se deixam levar pelos acontecimentos rápidos;
- o tempo rápido é marcado pela tecnologia, pela informação, pelo efêmero.

Em uma sociedade que está quase que inteiramente constituída por nossos investimentos culturais simbólicos, tempo é uma das categorias básicas mediante as quais elaboramos nossa experiência. Hoje, o tempo se torna uma questão-chave nos conflitos e mudanças sociais, bem como no estilo de vida do ser humano.

Portanto, o tempo que a sociedade contemporânea conhece é medido por máquinas: os relógios são as máquinas por excelência. A máquina cria uma dimensão do tempo: não mais “natural”, com ciclos do dia e da noite, das estações, e não mais “subjetivo”, ligado à percepção e à experiência dos humanos. O tempo da máquina é um produto artificial que tem a objetividade de uma coisa. É também uma medida universal que permite comparação e troca de desempenhos e recompensas, por meio do dinheiro e do mercado. Tempo é uma medida de quantidade: nos ritmos diários de trabalho, como nos balancetes anuais das empresas. Aliás, em qualquer cálculo pautado na racionalidade instrumental, a máquina estabelece uma continuidade entre tempo individual e tempo social (MELUCCI, 1996).

Na situação presente, podemos perceber nossa distância com respeito a esse modelo, porque a diferenciação das nossas experiências temporais está aumentando. Os tempos que experimentamos são muito diferentes uns dos outros e às vezes parecem até opostos. Há tempos muito difíceis de medir — tempos diluídos e tempos por demais concentrados. Pensemos na multiplicidade de tempos que imagens de propagandas introduzem na nossa vida diária. Isto também significa separações, interrupções mais definidas do que no passado. Hoje, são muito mais perceptíveis do que em estruturas sociais relativamente homogêneas como as mais tradicionais.

Existe particularmente uma clara separação entre tempos subjetivos (tempos que cada indivíduo vive a experiência interna, afeições, emoções) e tempos sociais marcados por diferentes ritmos e regulados pelas múltiplas esferas de pertença de cada pessoa. A presença dessas diferentes experiências temporais não é novidade, mas certamente em uma sociedade rural ou mesmo na sociedade industrial do século XIX, existiu certa integração, certa proximidade entre experiências

subjetivas e tempos sociais, e entre os vários níveis dos tempos sociais. Em sistemas altamente “tecnologizados”, percebemos mais claramente as diferenças, as descontinuidades como uma experiência comum.

Ante a conjuntura comentada sobre as diversas formas das culturas, e as inúmeras experiências de tempos sociais que marcam a vida dos homens e mulheres nas cidades contemporâneas, perguntamos: como lidar, na contemporaneidade, com uma multiplicidade de culturas e experiências temporais, de modo particular nas cidades, nas quais muitos valores vão desaparecendo? Por isso, precisamos estar atentos à linguagem e à metodologia de aprender e apreender os valores culturais dos novos seres humanos.

Para tanto, sugerimos que a linguagem e a metodologia sejam inculturadas e passem por processos que vão das práticas ao coração de cada povo, de cada comunidade e grupos nas estruturas urbanas vigentes. Essa mediação deve contar com uma linguagem com símbolos compreensivos adequados aos autênticos valores de cada cultura, considerando de modo particular os espaços abertos e diversificados pela mobilidade e liquidez dos tempos sociais contemporâneos.

## **Conclusão**

Após o percurso hermenêutico realizado sobre algumas questões relacionadas à cultura e aos tempos sociais nas cidades contemporâneas, consideramos importante destacar a mudança de época em que vivemos, visto que esta influencia o estilo de vida, o modo de compreender a cultura, o tempo e os valores que, ao longo da história, marcaram a existência humana.

Essas mudanças têm influenciado as relações do ser humano com a natureza, com os outros seres humanos e consigo mesmo. Como ao longo do estudo destacamos, a cultura é algo ligado ao cultivo de capacidades humanas segundo algumas normas e, estas, por sua vez, mudam com muita velocidade, levando grupos, comunidades e sociedades a um deslocamento do conceito e a uma nova interpretação dos hábitos culturais nas relações sociais.

Haja vista esse deslocamento, uma das dimensões da vida humana que recebe maior influência do mundo globalizado é o aspecto espaço-tempo, pois o fator tempo passa por metamorfoses significativas, iniciadas no momento em que o ser humano resolve medir o tempo cotidiano e quantificar o tempo social na sociedade industrial.

Cada pedaço das cidades na Contemporaneidade é a concretização de uma soma de técnicas de trabalho, da arte do fazer, dos símbolos e do esforço de uma pessoa ou de uma sociedade. Assim, percebemos as inúmeras culturas presentes e as que vão surgindo com seus valores e especificidades no ambiente urbano contemporâneo.

Portanto, no contexto tecnológico da vida urbana, torna-se fundamental o fato de que o sistema globalizado envolve todas as dimensões da vida do ser humano, sejam elas culturais, econômicas, religiosas, temporais etc. Esse fenômeno que torna a temporalidade da vida contemporânea cada vez mais efêmera é marcado por novas formas de urbanismo, outras tendências de cidade, renovadas noções de lugar, de cultura, de memória e de identidade, tornando a vida e as relações humanas assinaladas pelo pluralismo, relativismo, ceticismo. Com isso, surge uma multiplicidade de culturas e experiências temporais, de modo especial, nas metrópoles, brotando a necessidade de inculturação da linguagem para que seja possível estabelecer diálogo com grupos, comunidades e sociedade, levando-os a identificar nesta cultura e nesse tempo os reais valores humanos e sociais.

## **Bibliografia**

AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. de *O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho*. Revista Mal-estar e subjetividade, 2007.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BIROU, A. *Dicionário das Ciências Sociais*. Lisboa: D. Quixote, 1973.

CARLOS, A. F. A. *O espaço urbano, novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, T. *A cultura pela cidade. Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento*. São Paulo: ILUMINURAS, 2008.

COSTA, M. V. *Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares*. In: *Estudos culturais em educação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2000.

DELEUZE, G. *La logique du sens*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1997.

GADAMER, H.G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo: Parte I*. 12ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Educação & Realidade, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. Loyola: São Paulo, 1989.
- IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.
- MATTA, R. da. *Ensaio de Antropologia: Estrutura*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- MELUCCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996.
- MIRANDA, M. F. de. *Um catolicismo desafiado: Igreja e pluralismo religioso no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- MIRANDA, D. D. de. *Reflexões sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo*. São Paulo em Perspectiva, 14(4) 2000.
- MÉSZÁROS, I. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MORA, J. M. *Dicionário de Filosofia*. (Vols. I–IV). São Paulo: Loyola, 2001.
- NETO, A. V. *Cultura, culturas e educação*. Revista Brasileira de Educação, Maio/Jun/Jul/Ago, Nº23, 2003.
- OLIVEIRA, M. A. *A filosofia na Crise da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1990.
- \_\_\_\_\_. M. A. *Pluralismo e ética: in ética e práxis cristã*. São Paulo: Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. M. A. *Diálogos entre razão e fé*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- \_\_\_\_\_. M. A. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. (2ªed.). São Paulo: Loyola, 2001.
- \_\_\_\_\_. M. A. *Pós-modernidade: abordagem filosófica*. Fortaleza: UFC, 2002.
- OST, F. *O tempo do direito*. Bauru: EDUSC, 2005.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SANTAELLA, L. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, J. *Gestão cultural na e para a cidade*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

TASCHNER, G. B. *Lazer, cultura e consumo*. RAE - Revista de Administração de Empresas, v. 40, n. 4, Out./Dez. 2000.

WEYRAUCH, C. S. *Cultura e cidade em faixa de risco*. Estudos e pesquisas em psicologia. Rio de Janeiro: UERJ, v. 7, n. 2, p. 350-356, ago. 2007.

VAZ, H. C de L. *Antropologia Filosófica* (8ª Ed.). (Vol. 1). São Paulo: Loyola, 2006.

ZARIFIAN, P. *O tempo do trabalho: o tempo-devir frente ao tempo especializado, tempo social*. Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14(2): outubro de 2002. P. 1-18.

*\*Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins*

Doutor em Psicologia e Pós-Doutor em Ócio e Desenvolvimento Humano. Professor Titular do Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR.

*\*\*Prof. Dr. Francisco Antônio Francileudo*

Doutor e Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Professor da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF.

*\*\*\*Profa. Ms. Fabiana Neiva Veloso Brasileiro*

Mestre em Psicologia. Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Professora da Universidade de Fortaleza - UNIFOR